

A gente faz a política pública acontecer: a coletividade como enfrentamento da precarização da vida de pessoas trans e travestis

Autor(es): Lui Fernandes Secco; Vinicius Lima Teixeira; Daniela Cristina Pereira de Oliveira.



Introdução

O AME Pro Trans é um ambulatório especializado na atenção à saúde de pessoas transexuais e travestis adultas, responsável por atender a população de Guarulhos e de outros dez municípios da região do Alto Tietê. A existência deste equipamento representa um avanço na estratégia de cuidado, promoção de saúde, dignidade e cidadania deste grupo historicamente marginalizado e atravessado por diversas formas de opressão.

Objetivo



Este trabalho tem como objetivo apresentar a experiência de estágio realizada por residentes de psicologia no AME Pro Trans e a relevância da participação em práticas grupais.



Metodologia

O estágio junto a equipe do ambulatório teve por objetivo desenvolver o olhar diferenciado para as demandas desta população e identificar demandas de articulação intra e intersetorial, considerando as especificidades e atravessamentos históricos, sociais e políticos vivenciados por cada pessoa usuária do serviço. No acompanhamento de atividades do serviço, pudemos participar dos grupos de acolhimento, cine-trans, grupos de convivência, organização de cabide solidário e da discussão de casos. Estas atividades possuem um papel estratégico e transformador na promoção da saúde, no fortalecimento da vida coletiva e na construção de uma consciência política entre as pessoas trans e travestis.

Resultados



Os encontros criam um senso de comunidade e identidade coletiva, resgata a autoestima, valoriza saberes e linguagens e produz novas formas de estar no mundo a partir do reconhecimento de si mesmo no outro. Para além do cuidado clínico individual, os grupos oferecem um espaço seguro de troca, acolhimento e pertencimento, rompendo o isolamento social que muitas dessas pessoas vivenciam em função da transfobia estrutural, familiar e institucional.

Observou-se que a potência grupal também surge enquanto estratégia de enfrentamento das fragilidades do próprio serviço, como a falta de profissionais endocrinologistas, psiquiatras e a dificuldade de acesso às terapias hormonais. Ao promover a autonomia e o senso de pertencimento, os grupos contribuem para a consolidação de sujeitos políticos que não apenas reivindicam seus direitos, mas que também buscam ocupar espaços de decisão e construir novas formas de existência social.



Considerações Finais

A experiência no AME Pro Trans evidenciou a importância da existência do serviço na garantia do acesso à saúde da população trans e a demanda urgente de criação de outros espaços de resistência e fortalecimento político. Entretanto, faz-se necessário destacar que a atenção diferenciada, a garantia de direitos e o combate às violências é um dever ético-político que precisa ser fortalecido em todos os níveis de saúde.